

TUTTY HUMOR

tutty.vasques@estadão.com.br



Urubus & papagaios

O brasileiro está dividido: metade – garantem as pesquisas – vai votar em Dilma Rousseff. A outra metade é contra a exposição de urubus em obra de arte da Bienal de São Paulo. Como se já não bastasse a árdua tarefa de justificar seu voto para presidente, o eleitor tem sido chamado pelo noticiário a se posicionar sobre a instalação que aprisiona três urubus no vão central do pavilhão do Ibirapuera, em ambiente de esculturas de areia negra e granito, sonorizado pela execução contínua das músicas *Bandeira Branca*, *Carcará* e *Boi da Carra Preta*. Simboliza o luto!

Faz, cá pra nós, tanto sentido quanto a candidatura Tiririca, mas é bom tomar cuidado com o que comentar em público contra ou a favor do trabalho do escultor Nuno Ramos na Bienal. No mundo das artes plásticas, como se sabe, a fronteira que separa a genialidade da mais completa palhaçada é tênue como a linha divisória de águas entre os candidatos sérios e os que estão aí de brincadeira.

O risco de ser mal interpretado ou de dizer bobagens sobre os urubus na Bienal é tão grande quanto o ônus da defesa deste ou daquele papagaio do Horário Eleitoral Gratuito. Fuja desses assuntos, se puder!



LEANDRO SANCHES/AE

● Arma branca

De muletas à beira da quadra, Bernardinho é uma temeridade para os jogadores da seleção brasileira de vôlei no Mundial da Itália. Alguém pode acabar se machucando num daqueles momentos de nervosismo do técnico!



REUTERS

● Sabatina do TSE

“Nem todo abestado é analfabeto – e vice-versa!”

TIRIRICA

Nome aloprado

Quando, afinal, a imprensa vai apurar a origem do nome da mulher de Joaquim Roriz? Weslian, francamente, aí tem!

Troca de assunto

Essa última suspeita de lavagem de dinheiro no Banco do Vaticano pode ser artimanha da Santa Sé para desviar a atenção dos escândalos de pedofilia entre religiosos. Aquele papo sobre os horrores da 2.ª Guerra, proposto pelo papa em sua despedida no Reino Unido, definitivamente não colou!

Alerta final

José Serra resolveu botar o dedo na ferida: “Quem vai assumir as funções de dona Marisa Letícia no governo se Dilma Rousseff vencer as eleições?”

Menas, vai!

Adriana Bombom levou as filhas ao Fashion Weekend Kids, no Copacabana Palace, de limusine. Não à toa, perdeu recentemente a guarda das meninas para Dudu Nobre!

Mal comparando

A oposição na Venezuela pode superar a do Brasil em votos, mas nenhuma das duas deve se classificar para a Libertadores. Se bobear, não pegam vaga nem na Copa Sul-Americana.

Reforço à altura

A bancada dos aloprados já articula aliança com os abestados para depois das eleições. Isso quer dizer o seguinte: a lambança de praxe deve ganhar um toque de humor trapalhão na próxima legislatura.

estadão.com.br

Tutty Vasques
escreve todos os dias no portal, de terça a sábado neste caderno e aos domingos no Aliás

Artista reclama de abandono em instalação pichada

Kboco diz que falta segurança, iluminação e verba da Bienal para atividades no espaço, no qual diz ter investido R\$ 100 mil

Camila Molina

Instalada do lado de fora do prédio no qual ocorre a 29.ª Bienal de São Paulo, a obra do artista Kboco e do arquiteto Roberto Loeb ainda está com as pichações feitas no sábado à noite ou no domingo por um desconhecido e que trazem, por duas vezes, a inscrição “Invasor”. “Para mim não tem diferença entre apagar ou não. Sou vítima não por causa da pichação, mas da produção do evento, que não deixa minha obra acontecer”, diz o artista. “Quando fui convidado, esse seria um espaço com uma programação para o povo, com teatro, happening, música.”

Kboco reclama da falta de segurança por parte da organização do evento, de iluminação e de verba para as atividades.

É o segundo caso de pichação da 29.ª Bienal, inaugurada no sábado. No dia da abertura, Djan Ivson invadiu a instalação *Bandeira Branca* de Nuno Ramos, e escreveu a frase “Liberte os urubu” (sic) numa das esculturas da obra. Djan afirma ser o autor da pichação de sábado e nega ser o da obra de Kboco. Ele faz parte do grupo que pichou o prédio da

IC vai verificar condições dos urubus de obra

● O Instituto de Criminalística vai fazer uma perícia para verificar as condições dos três urubus que fazem parte da obra *Bandeira Branca*, do artista plástico Nuno Ramos. O pedido foi feito pela Delegacia do Meio Ambiente, que instaurou um inquérito para apurar se a exposição das aves fere algum artigo da lei ambiental. Ramos foi intimado a depor. Ele não foi localizado ontem. Na semana passada, disse que os urubus “estão mais bem cuidados do que se estivessem na natureza”. A polícia informou que Ramos tem autorização do Ibama.

Bienal em 2008, na edição anterior do evento, e que desta vez está representado na mostra no segmento “Pixação SP”, com fotografias e vídeos sobre a ação de pichadores.

Kboco, que é grafiteiro e usa a técnica em sua criação, diz ter

comunicado no domingo aos curadores da Bienal sobre a pichação em sua obra e que até ontem não havia tido uma conversa com os responsáveis pelo evento. Sua obra, o “terreiro” da Bienal *Dito, Não Dito, Interdito* é um dos seis espaços criados por artistas e arquitetos e que vão abrigar, até 12 de dezembro, atividades diversas para o público da mostra. Segundo Kboco, gastou-se R\$ 100 mil para a construção de seu trabalho com Loeb (o espaço, pelo projeto inicial, poderia ser um local para skatistas).

“A obra de Kboco não está abandonada”, afirmou o curador da Bienal, Moacir dos Anjos. “Estamos estudando entre hoje e amanhã que forma o trabalho dele pode ser melhor integrado à exposição. Não existe uma programação tão intensa como outros terreiros, até por ser um espaço em lado externo.”

“Lamentamos que sua obra tenha sido pichada e é uma decisão que vai caber ao artista se seu trabalho vai ser restaurado”, disse o curador. Kboco afirma que sua posição é apagar as pichações de seu trabalho, mas que pretende esperar uma postura dos organizadores da 29.ª Bienal.



PAULO LIEBERT/AE

Exposta. Obra de Kboco, feita em parceria com o arquiteto Roberto Loeb fica fora do prédio

TRÊS PERGUNTAS PARA...

Djan Ivson,

PICHADOR E PARTICIPANTE DA BIENAL

1. Por que fez a pichação na obra de Nuno Ramos?
Fiz o ataque por questão da liberdade, contra o aprisionamento dos bichos e pela liberdade de expressão. A frase (pichada na obra, “Liberte os urubu (sic)”) não foi completa.

2. Qual seria?
Liberte os urubus e os pichadores de BH. Foi a questão da polêmica da obra e dos nossos amigos. Quis fazer uma reclamação sobre esses assuntos (segundo ele, “Os Piores de Beló” foram presos em agosto).

3. Sua pichação foi uma manifestação contra a forma de a Bienal exibir o gênero, com fotos e vídeos?
Escolhemos expor a pichação na Bienal dessa forma. Não tinha nada a ver alguém dar uma parede para a gente pichar.

Sociedade

IATE CLUBE DO RIO INVESTIGA VENDA DE OBRA

Quadro de Djanira teria sido comprado por sócios, mas diretoria diz que não há registro

Gabriela Moreira / RIO

A venda de uma gravura da obra *Pescador*, de Djanira da Motta e Silva, que pertencia ao Iate Clube do Rio, está intrigando a diretoria da associação. Ontem, um casal de sócios que afirma ter comprado a peça por R\$ 2 mil e a atual diretoria, que desconhecia a transação, se reuniram. Os compradores levaram recibo para comprovar a ven-

da, mas os diretores afirmam que a operação não foi registrada. Até ontem, numa página de relacionamentos, o Iate Clube mantinha um link com o apelo: “Procura-se quadro de Djanira”. A instituição referia-se à obra como pertencente ao patrimônio do Iate Clube.

Nos próximos dias, o conselho do clube vai reunir informações sobre o caso, para saber se a obra foi vendida pelo preço que deveria. “Vamos tentar aprofundar a questão. Não sabe-

mos se o quadro passou por alguma avaliação para se chegar ao valor pelo qual foi vendido”, disse o diretor-secretário, Jomar Pereira da Silva.

Para a especialista em obras de arte Soraia Cals, o valor pago pela sócia está acima do de mercado, caso seja, de fato, uma gravura. Segundo ela, um exemplar de *Pescador* em tamanho reduzido está na faixa de R\$ 1,5 mil. “Se for um original de guache sobre papel pode custar R\$ 12 mil. Se for óleo sobre tela, cerca de R\$ 25 mil”, avaliou.

Quadro original. De acordo com o diretor, o casal que comprou a obra afirma que o exemplar é original. “Eles afirmam ser um exemplar original feito a óleo”, afirmou Silva.

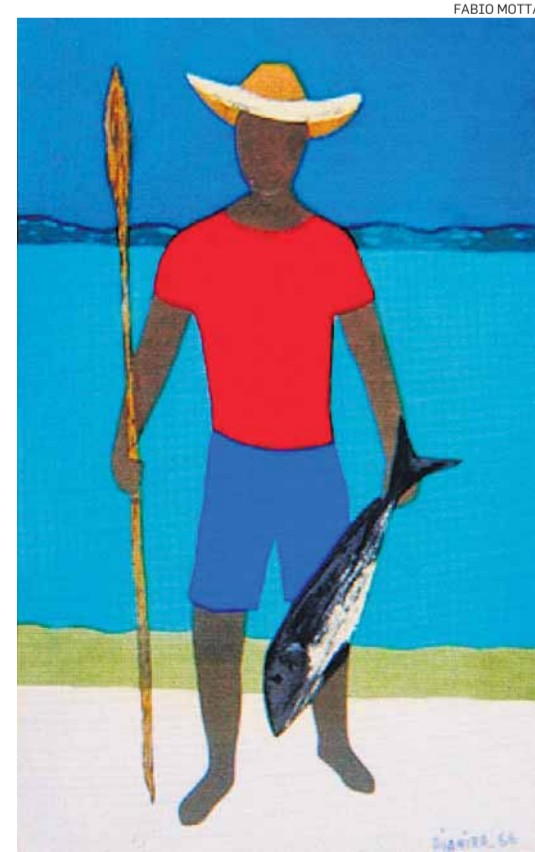
Segundo ele, o quadro foi doado ao Iate Clube pela própria Djanira. “Todo artista que expunha suas obras aqui deixava um exemplar com o clube”, disse o diretor.

Ainda de acordo com Silva, o

pagamento teria sido usado pela antiga diretoria para comprar livros para a biblioteca do Iate Clube. “Mas não há registro disso. Vamos verificar se os livros foram comprados.”

Djanira nasceu em Avaré, São Paulo, em 1914, e morreu no Rio, em 1979. Acometida por tuberculose aos 23 anos, ela mudou para o bairro carioca de Santa Teresa por causa do ar puro. Ali entrou em contato com importantes pintores, como Carlos Scliar e Milton Dacosta. O ambiente artístico incentivou a jovem Djanira a desenvolver seu talento.

Conhecida pela habilidade em retratar o povo brasileiro e as festas religiosas em seus quadros, consagrou-se nas décadas de 1940 e 1950. Em 1942, participou do Salão Nacional de Belas-Artes. O *Pescador* pertencente ao Iate Clube ficava exposto no espaço conhecido como Corredor da Rainha, local por onde a rainha Elizabeth passou, após desembarcar de seu iate, no terreno do clube, em visita ao Rio.



FABIO MOTTA

‘Pescador’. Valor da venda é questionado

● A obra Serigrafia foi feita por Djanira da Motta e Silva (1914-1979) em 1966. Com tamanho de 53 por 36 centímetros, gravura pertence ao movimento do Figurativismo Sintético.